

Radioescola: locus de cidadania, oralidade e escrita

Zeneida Alves de Assumpção

Jornalista, doutora
zassumpcao@brturbo.com
Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR

Resumo

O trabalho reflete a contribuição da Radioescola como instrumento de ensino eficaz para o exercício da cidadania e construção da oralidade e da escrita, através de atividades articuladas com a comunicação-educação. Articulação e mediação estas, imprescindíveis na sociedade globalizada. Utilizamos-nos da pesquisa de campo (abordagens qualitativa e quantitativa), entrevista, questionário (com professores e alunos) e estudo de caso comparativo entre duas escolas públicas municipais de Curitiba para investigar a Radioescola como objeto de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: cidadania, oralidade, escrita.

Introdução

O presente trabalho, cujo objetivo é identificar, a partir do estudo de caso comparativo, se a Radioescola contribui para o exercício efetivo da cidadania e desenvolvimento de habilidades, como: a produção de textos escritos e orais originou-se da monografia que apresentei na Universidade Federal do Paraná, em 2001, com o título: *A rádio no espaço escolar: um estudo de caso comparativo* para obtenção do título de especialista em Organização do Trabalho Pedagógico.

A Radioescola (objeto de minha dissertação de mestrado, defendida em outubro de 1994, na Universidade Metodista de São Paulo) foi apresentada à Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, no Paraná, que se interessou e a implantou, em dezembro de 1994, em quatro escolas de período integral: Centro de Educação Integral Bela vista do Paraíso, Centro de Educação Integral David Carneiro, Centro de Educação Integral Júlio Moreira e Centro de Educação Integral Monsenhor Boleslau Falarz. A Radioescola atuou no espaço escolar por quatro anos ininterruptos (1994/2000 – quase três gestões de governo municipal). Em 2000 as escolas trabalharam esporadicamente com a Radioescola por falta de professores. A desativação foi inevitável, que ao nosso entender causada pela inexistência de vontade política (da escola e da entidade mantenedora) porque

Se houver política dos docentes, supervisores, orientadores e diretor na promoção de um trabalho conjunto com a Radioescola, sua continuidade estará assegurada, mesmo que haja mudança de chefia. As pessoas que assumirem os cargos continuarão integradas com as atividades radiofônicas (Assumpção, 1999, p. 98).

Desde o lançamento dessas rádios (1994), os alunos foram os produtores, locutores, difusores e receptores da comunicação, com orientação de professores preparados em radiodifusão sonora pela Secretaria Municipal de Curitiba e parceria com emissoras locais.

Por ser a Radioescola, um projeto meu, decidi investigá-la e verificar se ela desenvolve no aluno o exercício de cidadania e habilidades de produção de textos escritos e orais da língua à luz da perspectiva pedagógica sociointeracionista (respaldada em L.S. Vygotsky) adotada pelas escolas públicas municipais de Curitiba, no Paraná.

A Radioescola é uma proposição dirigida aos educandos de terceiras e quartas séries do ensino fundamental, entre 9 e 12 anos, faixa etária para a qual não existem programações radiofônicas educativas-culturais (Assumpção, 1999).

Necessita-se observar que a escola deixou de ser legitimadora do saber e precisa, além de respeitar a bagagem cultural que o aluno traz para a sala de aula, advinda, especialmente, das tecnologias da comunicação e da informação precisa também se comunicar no espaço escolar e pedagógico. Nesse processo, a Radioescola pode ser mais um recurso para o exercício da cidadania, construção e disseminação do conhecimento e da cultura.

Radioescola: comunicação e educação na sociedade globalizada

A interface comunicação-educação ou educomunicação como vem sendo denominada, continua sendo tema de discussão em congressos, simpósios, encontros, seminários, além de objeto de artigos, ensaios, monografias, dissertações e teses produzida por pesquisadores das áreas da comunicação e da educação. Apesar das tecnologias da comunicação e da informação, especialmente, a mídia eletrônica (rádio e televisão) e a multimídia (Internet), a escola continua a instituição social do saber escolarizado, que valoriza a visão crítica e reflexiva do educando. Os meios midiáticos contribuem para o desenvolvimento das diversas linguagens e compreensão/construção da realidade social de forma atraente, sedutora e agradável no espaço escolar.

A comunicação, como processo de interação humana, é o alicerce do processo educativo. A relação entre educador e educando deve ser interativa e dialógica para que a comunicação aconteça, para que ocorra o diálogo. Assim, a comunicação torna-se mediadora do diálogo, do conhecimento e da cultura.

Infelizmente, na escola ainda predomina a comunicação vertical e o discurso pedagógico, respaldado e legitimado no saber do professor como poder.

O professor é institucional e idealmente aquele que possui o saber e está na escola para ensinar, o aluno é aquele que não sabe e está na escola para aprender. O que o professor diz se converte em conhecimento, o que autoriza o aluno, a partir de seu contato com o professor, no espaço escolar, na aquisição da metalinguagem, a dizer que sabe: a isso se chama escolarização (Orlandi, 1996, p. 31).

Muitos professores não aceitam que o educando possua ou traga na sua bagagem experiencial a cultura e o conhecimento não-sistematizado, adquirido pelo contato com as mídias, com a internet, e se impõem com

poder absoluto na sala de aula. Tal postura impede a comunicação dialógica e bidirecional entre educador e educando para que o processo ensino-aprendizagem aconteça de forma prazerosa e motivada. A escola acredita ser a única instituição detentora do saber elaborado e do conhecimento científico. Para Barbero, o autoritarismo do professor e a autenticação do conhecimento e do saber pela escola geram descontentamento e indisciplina nos alunos. Ele comenta:

(...) hoje senta um alunado que, por osmose com o meio ambiente comunicativo, está embebido de outras linguagens, saberes e escrituras que circulam pela sociedade. Estes configuram os saberes-mosaicos, como os chamou A. Moles, porque são feitos de pedaços, fragmentos, o que não impede os jovens terem, com freqüência, um conhecimento mais atualizado em Física, Geografia, História que o seu próprio professor. Isso está trazendo para a escola um fortalecimento do autoritarismo, como reação à perda da autoridade do professor e não de uma abertura para novos saberes. Em lugar de ser percebida como uma chamada a que se reformule o modelo pedagógico, a difusão descentralizada de saberes, possibilitada pelo ecossistema comunicativo, resulta no endurecimento da disciplina do colégio para controlar esses jovens, cada vez mais frívolos e desrespeitosos com o sistema sagrado do saber escolar (Barbero, 2000, p. 55).

Nessa mesma perspectiva,

uma das saídas para a educação consiste em conhecer melhor os meios de comunicação, sua linguagem para integrá-las dentro do processo educacional e perceber os mecanismos de comunicação, como um todo, que acontecem nas nossas vidas, fundamentais para um processo de educação mais rico e participativo (Moran, 1993, p. 10).

Assim sendo a escola não pode desconsiderar as tecnologias da comunicação e da informação e a sua influência no cotidiano do aluno e do professor, porque elas fazem parte da realidade mundial e da própria escola.

As tecnologias da comunicação e da informação: uma escola sem paredes

O professor não pode subestimar as tecnologias da comunicação e da informação no contexto pedagógico. As mídias eletrônicas (rádio e televisão) e a multimídia (Internet) são mais dinâmicas, atraentes, sedutoras e rápidas do que a dinâmica escolar. "Os meios de comunicação são a extensão do homem" (McLuhan, 1971, p. 36). "A escola deixou de ser o local exclusivo do saber. A criança ao chegar à escola, já saber ler histórias complexas, como uma telenovela, com mais de 30 personagens e dezenas de cenários diferentes. Essas habilidades são praticamente ignoradas pela escola" (Moran, 1993, p. 183).

Na sociedade globalizada, um dos grandes desafios da escola, é procurar maneiras mais criativas e motivadoras de interação com as linguagens dos meios midiáticos e multimídias, integrando a cultura tecnológica no espaço educativo, desenvolvendo nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos dessa cultura, não priorizar demais a linguagem conteudista e trabalhando também com outras linguagens. "Nos dias de hoje já não se pode continuar pensando em uma escola encerrada entre quatro paredes e completamente desvinculada do processo de comunicação" (Gutierrez, 1978, p. 33).

As tecnologias da comunicação e da informação constituem uma escola sem paredes. Com sua linguagem subliminar encantam, atraem, motivam, seduzem e prendem mais a atenção das crianças e dos adolescentes do que a instituição escolar.

O educador precisa conhecer outras linguagens e o educando, saber ler e construir textos sonoros, imagéticos, escritos e hipertextos. A leitura e a produção desses textos conduz o aluno à compreensão das linguagens jornalísticas, radiofônicas, televisivas e dos computadores (radiojornal, telejornal, jornal impresso e jornais *online*), levando-o a distinguir e compreender o discurso simbólico. Segundo Nidelcoff (1991), um outro ver, compreender e interpretar a realidade, em que está inserido.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/06, as Diretrizes Curriculares e os Parâmetros Curriculares Nacionais incluem os meios de comunicação social no espaço escolar, propondo ao educador trabalhá-los interdisciplinarmente, porque

(...) O ponto de partida da educação é reconhecer que os espaços e instituições formais de ensino somente preenchem uma parte do processo educacional. Os meios de comunicação são espaços altamente significativos de educação, porque estão próximos da sensibilidade do homem de hoje, e porque são voluntários. (...) os meios educam, não só sobre conteúdos e valores, mas também educam para a sensibilidade (para sentir de uma determinada forma concreta e não abstrata) e educam para expressar-se plasticamente, com imagens, com rapidez, de forma sintética. A escola tem que se educar para os meios e não tentar domesticá-los, incorporá-los como complemento do seu projeto pedagógico. A escola precisa mais dos meios de comunicação do que estes da escola (Moran, 1993, p. 182).

Nesse sentido, a Radioescola, além de interagir e interferir no cotidiano pedagógico possibilita aos educandos o conhecimento e a construção das linguagens, das culturas e da realidade social. A compreensão desses processos passa pela familiarização e domínio da linguagem radiofônica. Professores e alunos precisam compreender o verdadeiro papel da rádio na sociedade contemporânea e o seu papel no processo educativo, cultural e social. Compreendendo o processo de comunicação de forma desmistificada, o aluno torna-se sujeito ativo da própria comunicação, produzindo as pautas que vão gerar as informações, editando e transmitindo as informações que ele mesmo construiu. A Rádioescola é cidadania, oralidade e escrita.

O rádio colabora para que as pessoas evoluam, pensem de outra maneira e, assim, vão se libertando de preconceitos ou estereótipos e saibam diferenciar não só o real do fantástico, mas também o racional do irracional ou entre condutor mecânico e conduta consciente, entre o necessário e o desejado, ente o passado, o presente e o futuro (Reyzábal, 1999, p. 217).

Por isso é importante que o educando participe da Radioescola construindo textos escritos e orais.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa é de campo (abordagens qualitativa e quantitativa) com o objetivo de conhecer a opinião dos sujeitos sobre a contribuição da Radioescola para o exercício da cidadania e desenvolvimento da

comunicação dos alunos na produção de textos. Os sujeitos são professores e alunos de duas escolas públicas municipais de Curitiba, no Paraná.

Para a realização desse estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos metodológicos:

1. Entrevista semiestruturada para diagnosticar a participação dos ex-alunos como produtores e locutores da Radioescola e, também, verificar a experiência radiofônica deles nos contextos pedagógico e sociocultural. Foram localizados apenas seis alunos remanescentes que residem próximo à escola, os quais se propuseram a fazer entrevista, que foi gravada.
2. Questionário aplicado aos docentes da *Escola A* que atuam na Radioescola, com o intuito de investigar o interesse, a relevância e a utilidade da Radioescola para a educação escolar.
3. Produção de textos escritos e orais. Neste item, procurou-se sondar se a Radioescola possibilita ao aluno desenvolver habilidade de produção de textos escritos e orais, a partir do trabalho da Radioescola.

Análise dos dados

- a) Abordagem temática e análise das entrevistas (18) realizadas com seis ex-alunos da *Escola A*, no período de 1994/99, que participaram como produtores e locutores da Radioescola.
- b) Abordagem temática e análise do questionário respondido por um diretor, um supervisor, um orientador e dois professores que trabalharam na Radioescola de 1999/2000.
- c) Análise comparativa das produções de textos escritos e orais dos 14 alunos que freqüentaram as quartas séries na *Escola A*, no período de 200 e que trabalharam como produtores e locutores da Radioescola e 14 alunos, da *Escola B que desconhecem o trabalho com a rádio*.

Discussão

Entrevistas

Tema 1 – Participação na produção radiofônica

As entrevistas indicam o interesse da escola pela interface comunicação-educação. De 1994 (instalação da Radioescola) a 2000, os alunos trabalharam a questão pedagógica como produtores e locutores.

A produção, no início da implantação da Radioescola, estava mais voltada à educação e à cultura. Os educandos construíram histórias dramatizadas, radionovelas, peças de teatro e campanhas educativas (tuberculose, Aids, dengue, educação para o trânsito), recorrendo a pesquisas e entrevistas com especialistas e conhecimentos adquiridos sobre a linguagem do rádio. Eles mesmos criaram as vinhetas da Radioescola.

Tema 2 – Desenvolvimento da oralidade

Para os entrevistados, a construção de textos orais ao microfone leva o aluno-locutor a *perder a vergonha* de falar e se expor publicamente, elimina a timidez e possibilita a utilização adequada da voz (na leitura e na interpretação) de noticiários, informações educativas e culturais e dramatização de histórias. Aprenderam a linguagem do rádio (sonorização, efeitos sonoros, voz e palavra) como códigos e processos de significação. É preciso entonação e soltar a voz, para perder o medo.

Tema 3 – Produção de textos escritos

Os educandos admitem que a participação como produtores da programação da Radioescola contribuiu para o desenvolvimento da escrita e leitura. O trabalho interdisciplinar leva os alunos a sentirem-se mais motivados e interativos no convívio com a professora orientadora da Radioescola.. As entrevistas são um espaço de interação e diálogo entre os participantes, daí a facilidade para a produção do texto escrito. Os trabalhos são realizados com responsabilidade de forma dialógica, prazerosa, não imposta.

Questionário aplicado aos professores

Tema 1 – Mudança na prática escolar, a partir da experiência radiofônica

Os educadores admitem que a Radioescola desperta no aluno o hábito e o gosto pela leitura e a responsabilidade. O trabalho radiofônico não se esgota nas pesquisas e entrevistas, é necessário decodificar as informações. Na Radioescola, o educando torna-se sujeito ativo do processo de comunicação, produzindo textos escritos e orais conforme a linguagem do rádio.

Tema 2 – A Radioescola e a educação como exercício da cidadania

Segundo os professores, a Radioescola possibilita a construção de programas interativos e de interesse dos educandos, que se conscientizam de seu verdadeiro apelo na sociedade porque participam do contexto social ao transmitirem informações aos colegas, ao produzirem textos escritos e orais. A Radioescola propicia ao aluno visão ampla dos meios de comunicação social e de sua função na sociedade globalizada, a defesa e cumprimento de seus direitos e deveres. Como produtores e locutores percebem que seu trabalho é respeitado e valorizado pelos ouvintes. Com a responsabilidade de produtor e locutor, o aluno pesquisa e lê mais, o que amplia sua visão de mundo. O aluno aprende a debater, a questionar, a discutir, o que configura exercício e desenvolvimento da cidadania.

Tema 3 – Avaliação

Os alunos tornam-se mais responsáveis em suas atividades escolares. A Radioescola exige dele, o trabalho em equipe, a concentração e a participação. O trabalho com a Radioescola é motivador. Os colegas vão ouvir na Radioescola o seu texto escrito e oral. Por essa razão, é necessário escrever com clareza, objetividade e simplicidade para que sua mensagem desperte a atenção do ouvinte.

Tema 4 - A Secretaria Municipal da Educação de Curitiba e o projeto Radioescola

Para alguns educadores, a Secretaria Municipal da Educação de Curitiba participou do Projeto e da sua manutenção somente no início da implantação. Outros enaltecem a Escola pela manutenção dos equipamentos, acreditando, todos, no potencial da Radioescola.

Tema 5 – Áreas de conhecimento trabalhadas na Radioescola

A Radioescola é um projeto abrangente, pois atinge todas as áreas de conhecimento, em um trabalho interdisciplinar: alunos e professores participam do processo educativo-comunicacional.

Tema 6 – Aluno-participante da Radioescola possui visão mais crítica da realidade

Os educadores acreditam no potencial dialógico e interativo da Radioescola que torna o aluno participante, mais criativo e crítico que os outros, devido à pesquisa e análise de informações.

Tema 7 – Interesse da escola em continuar o Projeto Radioescola

Para os professores, a continuidade do Projeto é importante, porque a Radioescola contribui para o desenvolvimento cognitivo e psicossocial do aluno. Dessa forma, verifica-se que os professores, nas suas respostas, consideram que a rádio leva os alunos à produção de programações interativas e de seu interesse, à leitura e pesquisa, além de aprenderem a debater e questionar os assuntos que são transmitidos pela rádio. O mesmo não acontece com os alunos da *Escola B* que desconhecem o trabalho radiofônico.

Produção de textos escritos

Para esta análise, respeitou-se a concepção sociointeracionista (L.S. Vygotsky) adotada nas escolas municipais de Curitiba. As professoras das *Escolas A e B*, usaram o mesmo método, porém temas distintos, o que não afetou os resultados porque foi observado a metodologia.

No quesito *clareza*, utilizou-se para análise, unidade temática, argumentação, pontuação e paragrafação, seqüência lógica, clareza de idéias, coerência, discursos direto e indireto e coesão.

Verificou-se que a maioria dos alunos da *Escola A* demonstra domínio da estrutura textual: clareza, coerência e coesão usando os discursos direto e indireto.

Metade dos alunos da *Escola B* demonstra o domínio da estrutura textual: clareza, coerência e coesão usando o discurso indireto.

No quesito *sintaxe*, utilizou-se para análise: concordâncias verbal, nominal e regências.

Treze alunos da *Escola A* demonstram possuir domínio da produção de textos escritos quanto à sintaxe. Na *escola B*, somente cinco usam adequadamente as concordâncias verbal, nominal e a regência na produção de textos escritos.

No quesito *morfologia*, utilizou-se para análise: vocabulário, ortografia e divisão silábica.

A maioria dos alunos da *Escola A* domina a morfologia: ortografia e divisão silábica, o que não ocorre com os alunos da *escola B*. Os dois grupos utilizam vocabulário do cotidiano na sua produção de textos escritos.

No quesito *apresentação*, utilizou-se para análise: legibilidade e disposição gráfica no texto.

Todos os alunos da *Escola A* produzem textos com legibilidade e disposição gráfica adequada, não ocorrendo o mesmo com a *Escola B*.

Produção de textos orais

Terminada a produção de texto escrito, solicitou-se aos alunos a leitura oral: poucos parágrafos, palavras conhecidas, de fácil compreensão e relato de um fato do cotidiano do educando. Ambos seriam lidos e gravados ao microfone.

Ao microfone, os pesquisados da *Escola A* demonstram fluência verbal e domínio de leitura, observam os parágrafos, a pontuação, pronunciam corretamente as palavras, dão entonação, vida e ritmo à leitura. Em nenhum momento demonstram timidez, hesitação ou medo. Utilizam corretamente o microfone, um palmo de distância da boca, imitando os profissionais do rádio. Ao receber o texto, lêem e anotam as palavras mais significativas para dar ênfase à leitura como o fazem os locutores radiofônicos.

Os alunos da *escola B* não fazem a leitura com entonação, ênfase e pronúncia correta. Não respeitam a pontuação e os parágrafos, lêem o texto silabicamente e com pausas longas para “decifrar” as palavras, sobretudo os numerais. Não se preocupam com a leitura correta do texto.

Os participantes da Radioescola demonstram responsabilidade e motivação com a leitura ao microfone, o que não ocorre com a *Escola B*. O texto foi distribuído antes da gravação ao microfone. Solicitou-se que fizessem uma pré-leitura antes da gravação definitiva. Nada disto os alunos da *Escola B* fazem.

No quesito *oralidade (fluência verbal)* se utilizou para análise: objetividade, clareza, elementos de coesão, coerência, consistência argumentativa e adequação ao interlocutor, adequação à situação (altura, tonalidade, timbre, postura e formalidade).

Verifica-se, portanto, que os alunos produtores e locutores da Radioescola possuem fluência verbal e buscam informações nos meios midiáticos e apresentam seus relatos de forma objetiva, clara e coerente. Três relatos merecem destaque: *Olimpíadas, em SIDNEY (AUSTRÁLIA)*; *Debate sobre candidatos à Prefeitura de Curitiba* e *o Índice de criminalidade no Brasil*.

No relato sobre o *Índice de criminalidade no Brasil*, o aluno-locutor narra com fluência verbal invejável, cita estatísticas dos últimos anos, mostrando a gravidade do problema no Rio de Janeiro e outras cidades, tudo resultado de pesquisa em revistas especializadas.

O trabalho com a Radioescola leva o educando à busca de informações nos meios de comunicação social e na Internet, assim o gosto pela leitura, o desenvolvimento da oralidade e a compreensão do conteúdo. “Em virtude de a produção envolver sempre mais conhecimentos do que a mera percepção parece provável que, uma vez, que as crianças tenham tido experiências como produtoras, elas serão consumidoras mais exigentes” (Greenfield, 1988, p. 144).

A maioria dos alunos da *Escola A* constrói textos orais a partir de fatos do cotidiano: *jogos, roubos, furtos e exames biométricos ocorridos na escola*. Os fatos são narrados com clareza, objetividade, simplicidade, rapidez e concisão prendendo a atenção do interlocutor- ouvinte.

Os pesquisados se preocupam com a linguagem do rádio quanto à entonação e uso adequado da voz ao microfone.

Já os alunos da *Escola B* desconhecem o processo comunicativo: frases soltas, informações e referenciais da mídia televisiva (programas de entretenimento): *Gugu, Laços de Família, Malhação* (telenovelas). Não sabem decodificar as mensagens midiáticas, talvez porque desconhecem sua funcionalidade e linguagem. Faltam a seus relatos objetividade, clareza, coesão, coerência e consistência argumentativa.

Finalmente, os participantes da Radioescola demonstram habilidades de produção de textos escritos: clareza (unidade temática, argumentos, pontuação, paragrafação, seqüência lógica e clareza de idéias); coerência (sem contradições); discursos direto e indireto; coesão (conjunções, pronomes, preposições, sinônimos, tempos verbais, advérbios, etc.); sintaxe (com concordâncias verbal, nominal e regências); morfologia (vocabulário, divisão silábica correta) e apresentação (legibilidade e disoisição gráfica do texto).

Como locutores demonstram fluência verbal na leitura e relato ao microfone, dando vida e entonação aos textos com uso adequado da voz. A leitura é realizada com objetividade, clareza, elementos de coesão, coerência, consistência argumentativa, adequação ao interlocutor e à situação (altura, tonalidade, timbre, postura, grau de formalidade).

Considerações finais

A Radioescola pode contribuir com a educação escolarizada desde que a escola saiba utilizá-la de forma interativa e dialógica. É imprescindível que o trabalho radiofônico esteja voltado ao contexto sociocultural sem perder de vista a formação da consciência crítica do aluno emissor/receptor. "A consciência crítica busca ir além das aparências, percebe a realidade como mutável, é investigadora, alimenta-se do diálogo, examina o velho e o novo sem preconceito" (Moran, 1993, p. 57).

Os dados da pesquisa confirmam as hipóteses levantadas de que a produção e a locução de programas para a Radioescola podem contribuir para que o aluno (produtor/locutor) desenvolva habilidade de produção de textos e fluência verbal. Além de possibilitar que o aluno se conscientize de seu verdadeiro papel como cidadão, quando participa do contexto social para transmitir informações aos colegas da escola. Para que isso ocorra, ele precisa defender e cumprir direitos e deveres, ter responsabilidade e respeito com os colegas, ouvintes e fontes quando divulga informações pela Radioescola, o que configura o exercício e o desenvolvimento da cidadania.

Referências

ASSUMPÇÃO, Z. A. de. 1999. *Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau*. São Paulo, Annablume.

BARBERO, J. M. 2000. Desafios culturais da comunicação à educação. In: *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, USP. Segmento, (18):, maio a agosto de 2000.

GREENFIELD, P. M. 1988. *O desenvolvimento do raciocínio na era eletrônica: os efeitos dos computadores e videogames*. São Paulo, Summus.

GUTIERREZ, F. 1978. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo, Summus.

MORAN, J. M. 1993. *Leitura dos meios de comunicação*. São Paulo, Pancast.

NIDELCOFF, M. T. 1991. *A escola e a compreensão da realidade*. São Paulo, Brasiliense.

ORLANDI, E. 1996. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas, Pontes.

REYZÁBAL, M. V. 1999. *A comunicação oral e sua didática*. São Paulo, Bauru, EDUC.